



## ***poema-dramaturgia para cênicas escuridões***

Sócrates Roberto Fusinato

**Para citar este artigo:**

FUSINATO, Sócrates Roberto. *poema-dramaturgia para cênicas escuridões*. *A Luz em Cena*, Florianópolis, v.4, n.08, dez. 2024.

 DOI: <https://doi.org/10.5965/27644669040820240202>

Este artigo passou pelo *Plagiarism Detection Software* | iThenticate



## poema-dramaturgia para cênicas escuridões

Sócrates Roberto Fusinato<sup>1</sup>

### Resumo

O presente escrito versa sobre a escuridão como *corpocênico*, a escuridão como problematização que habita o Teatro Ocidental e o seu ideal de iluminação em cena. O *corpo-pensamento* Ocidental, habituado à iluminação trazida pela Religião, pela Ciência e pela Arte, separa tudo que vem da luz, tudo que dá a luz, daquilo que, em polo absolutamente oposto, dá a ver a escuridão. Em obras de artes visuais, em obras de artes sonoras *cria-se-em-resistência poemas-dramaturgias*, ou seja, obras de arte cênicas. O Ocidente, como palco mundano da Razão e do Teatro, constitui-se como *poema-dramaturgia* e coloca como *espaço-tempo-de-cena*, a um só tempo, a luz e a escuridão.

**Palavras-chave:** escuridão, *poema-dramaturgia*, dramaturgia de luz, *espaço-tempo-de-cena*, Teatro.

## poem-dramaturgy for scenic darkness

### Abstract

The present writing deals with darkness as *bodyscenical*, darkness as problematization that inhabits the Western Theater and its ideal of lightning on stage. The Western *body-thought*, accustomed to the enlightenment brought by Religion, Science and Art, separates everything that comes from light, everything that gives light, from that which, on an absolutely opposite pole, reveals darkness. In works of visual art, in works of sound art, *create-itself-in-resistence poems-dramaturgies*, that is, scenical works of art. The West, as the wordly stage of Reason and Theater, constitutes itself as *poem-dramaturgy* and places itself as *space-time-of-scene*, at the same time, light and darkness.

**Keywords:** darkness, *poem-dramaturgy*, light dramaturgy, *space-time-of-scene*, Theater.

<sup>1</sup> Artista istmorumeiro, poeta-dramaturgo, professor de antropologia e filosofia, DJ performer. Possui 2 roteiros cinematográficos, 4 livros de poemas, 2 contos, 11 textos dramaturgicos registrados na Biblioteca Nacional, sendo um texto dramaturgico publicado pela editora SESI-PR.

✉ rumeiro@gmail.com |



<http://lattes.cnpq.br/3517429811625480> |



<https://orcid.org/0000-0003-4795-0591>

## ***poème-dramaturgie pour le noir scénique***

### **Résumé**

Cet écrit traite de le noir comme *corps-scénique*, de le noir comme problématisation qui habite le théâtre occidental et son idéal d'éclairage sur scène. Le *corps-pensée* occidental, habitué à l'éclairage apporté par la Religion, la Science et l'Art, sépare tout ce qui vient de la lumière, tout ce qui donne de la lumière, de ce qui, à l'opposé absolu, rend visible le noir [l'obscurité]. Dans les œuvres d'arts visuels, dans les œuvres d'arts sonores, des *poèmes-dramatigies* sont *création-en-résistance*, c'est-à-dire des œuvres d'art scéniques. L'Occident, en tant que scène commun de la Raison et du Théâtre, se constitue comme un *poème-dramaturgie* et place, en même temps, la lumière et le noir comme *espace-temps-de-scène*.

**Mots-clés:** *noir, poème-dramaturgie, dramaturgie de la lumière, espace-temps-de-scène, Théâtre.*

# poema-dramaturgia

## ESCURIDÃO

Escuridão

escuridão

*cor-oscureção*

*claroscuro*

escorre melíflua escuridão

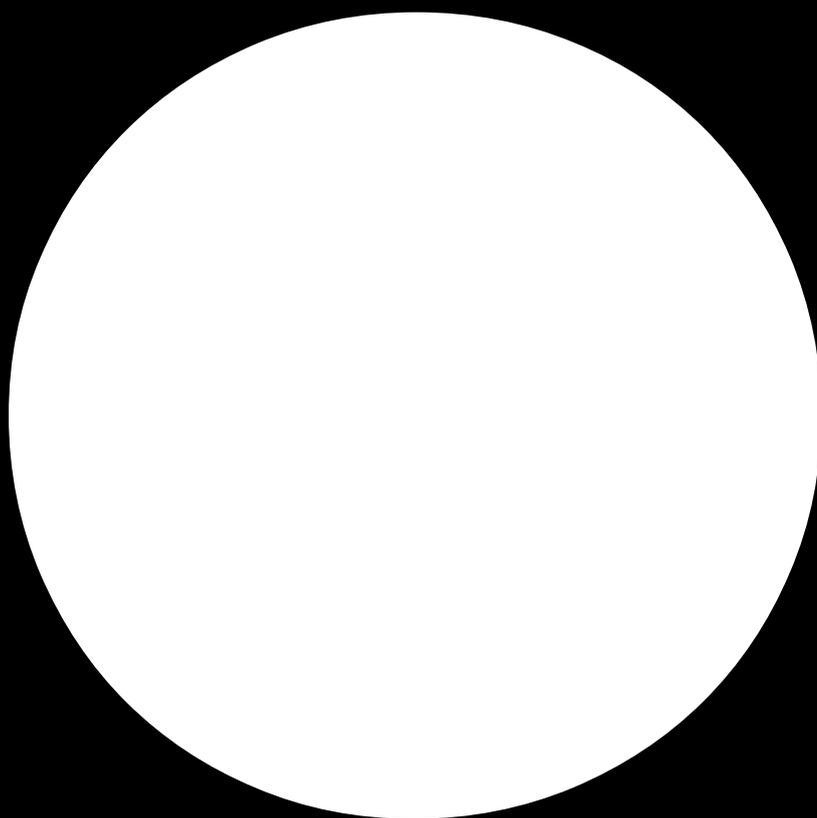
ilumina

*espaço-tempo-de-cena*

Figura 1- Poemagem BJÖRK. *Human behavior* [music video from Debut album].



Written by Björk e Nellee Hooper. Directed by Michel Gondry, 1993. Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=p0mRlhK9seg>. Acesso em 5 ago. 2023.



# escuridão é tudo aquilo que habita o palco mundano dos *serumanos*

escuridão ilumina ação  
*espaço-tempo* cênico  
*espaço-tempo* inevitavelmente comum

Figura 2-Poemagem PORTISHEAD. *Over* [music video from album Portishead



Written by Adrian Utley, Geoff Barrows e Beth Gibbons. Go! Beat Records, 1997. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=ZNWm1sN-Tms>. Acesso em 2023.

Figura3- Poemagem: BJÖRK. *Human behavior* [music video from album Debut].



Written by Björk e Nellee Hooper. Directed by Michel Gondry, 1993. Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=p0mRlhK9seg>. Acesso em 2023.

if you ever get close to a human [se você alguma vez na vida esteve perto de um *serumano*]

and human behavior [e *serumano* comportamento]

be ready, be ready to get confused (BJÖRK, HOOPER, 1993) [está já preparado, está já preparado para ficar confuso] (tradução própria)

## a escuridão é uma invenção do *serumanar* que *teatra* mundo

if you ever get close to darkness [se você alguma vez na vida esteve perto da escuridão]

and human darkness [e *serumana* escuridão]

be ready, be ready to get confused [está já preparado, está já preparado para ficar confuso] (tradução própria)

no Princípio era escuridão?  
você viu?  
quando o dia nasceu você, você viu?  
o dia nasceu escuridão.  
e você?  
poema solar?  
escuridão também em cena.

A escuridão é *poema-dramaturgia*, também de luz, ilumina *corpo-lugar* teatral. Escuridão o nasceu? Nasce eu, nasce você, dar à luz e à noite, às vezes, escuridar. Escurecer é atravessamento feito de luz. *Escuridou* quando a luz se faz escuridão.

No princípio era escuridão? No princípio o verbo; e o verbo se assumiu gesto, o verbo se afirmou luz, ante tudo que não vê, ante toda falta de iluminação, luz possível, conjugação, *palco-feito-de-escuridão*. Escuridão, *espaço-tempo-de-cena*.

Se o futuro é ancestral, a escuridão *futura*. E ao *futurar*, *rumeirando* até o presente produz, trabalha, *cria-em-resistência*, *poemas-dramaturgias* de onde tudo volta a vir, já estando lá, na escuridão da noite que antecede todos os dias.

A escuridão, sem oposição ao clarão Ocidental da Razão logicizante, “já estava aqui”. Na escuridão e para escuridão “todos aqueles que somos capazes de invocar como devir”; na escuridão e para escuridão “nossos companheiros de jornada, mesmo que imemoráveis” (KRENAK, 2022, p. 11).

*Rumeirando* pelos territórios com fronteiras Ocidentais, territórios que edificaram cidades destruindo florestas inteiras, nosso *Nós-feito-de-conhecimento-iluminado* aprendeu “pouco com a fala dos rios”, aprendeu pouco sobre os “corpos dos rios” (KRENAK, 2022, p. 12).

À noite, suas águas correm velozes e rumorosas, o sussurro delas desce pelas pedras e forma corredeiras que fazem música e, nessa hora, a pedra e a água nos implicam de maneira tão maravilhosa que nos permitem conjugar o nós: nós-rio, nós-montanhas, nós-terra. Nos sentimos tão profundamente imersos nesses seres que nos permitimos sair de nossos corpos, dessa mesmice da antropomorfia, e experimentar outras formas de existir. Por exemplo, ser água e viver essa incrível potência que ela tem de tomar diferentes caminhos. (KRENAK, 2022, p. 14).



Nosso *Nós-feito-de-conhecimento-iluminado*, nosso *Nós-Ocidental*, aprende, antropologicamente filosofante, com a fala das escuridões, aprende, cenicamente no **Agora** e para o **Agora**, com os corpos das escuridões todas.

Possível hoje ser escuridão e habitar a potência que a escuridão expõe, iluminando Mundo de diferentes modos, iluminando Religiões, Ciências, Artes de diferentes modos. E *futurando*, a escuridão é “invocação do tempo ancestral”. A escuridão é *espaço-tempo* ancestral para “imaginar cartografias, camadas de mundos, nas quais as narrativas sejam tão plurais que não precisamos entrar em conflito ao evocar diferentes histórias de fundação” (KRENAK, 2022, p. 14, 6 e 32).

As narrativas indígenas, no contemporâneo, retiram a ideia de **escuridão** de sua dicotômica e separada relação com a **iluminação**, principalmente com a iluminação elétrica. Luz e escuro se repelam para o Ocidente que inventou o *Logos*, a *Igreja-feita-de-Deus-Luz*, o Renascimento, a Ciência Positivista e o *Mundo-Ligado*, em rede *elétrico-solar*, da Tecnologia. A Antropologia teatral e a Filosofia teatral expõem um *espaço-tempo-feito-de-escuridão* como *espaço-tempo-de-cena*, ainda que se veja o Teatro tão somente como um espaço cênico, sempre à espera de iluminação. O blecaute, como *poema-dramaturgia*, geralmente encerra um *espaço-tempo* de cena dramatúrgica, encerra um *espaço-tempo* de obra de arte cênica e, não tendo nada mais a dizer, *cria-em-resistência* o movimento de deixar o teatro e ir para casa.

A escuridão ainda afirma, na cultura teatral Ocidental, o fim do Teatro-Instituição, o momento mais íntimo de seu não dar certo, de sua falha em cena, de sua falha no gesto indispensável de dar a ver, de sua impossibilidade ontológica; a escuridão, no Ocidente, é o *espaço-tempo* em que a Cidade e o Teatro expõem, em cena, o seu momento de *não-poder-ser* de forma clara e, por isso, demonstrável para todos e inquestionável por parte de todos os campos de *saber-poder*, campos de *poder-saber* lotados de iluminação.

A escuridão habita um *lugar-comum*: a ausência de luz. Isto, no Ocidente que é feito de Religião, Ciência, Arte.....Ocidente que se constrói em separado, mas nunca conseguindo, em definitivo, manter suas proposições categóricas em ilhas absolutamente isoladas. Isto é, definitivamente luz, para o Ocidente, não tem razão de ser. A luz não é definitivamente nada até que seja definida como luz e *pronto*. Não [*e pronto* não existe] porque a luz é também vizinha, na mesma ilha, da escuridão. Isto é, definitivamente escuridão, também não. A pausa

que se dá antes e depois da palavra definitivamente, é *luz-escuridão*.

Aqui eu, *poeta-dramaturgo*, istmo que *rumeira* em *luz-escuridão*, apomo uma leitura que se quer crítica à categorias **Ocidentais**; categorias como luz, sombra e escuridão se fazem, unidas e separadas, a um só tempo pela **Religião**, pela **Ciência** e pela **Arte**. **Religião**, **Ciência** e **Arte**, com iniciais maiúsculas, são as três grandes iluminações **Ocidentais** que ainda hoje a *Razão-instrumental* tenta retirar de toda e qualquer escuridão possível.

O **Ocidente** é feito de luz e a escuridão é sua derrota. O **Ocidente** é feito de luz? A escuridão é a derrota do **Ocidente**?

Repito, “a escuridão habita um *lugar-comum*: a ausência de luz. Isto, no **Ocidente** que é feito de **Religião**, **Ciência**, **Arte**”, eis então, três grandes iluminações que o **Ocidente** constrói e dá a ver em separado e ainda alimenta em separado.

Figura 4- poemagem: PAPE, Lygia. *Ttéia 1 C*. Instalação, fio metalizado, 2002  
[Galeria Lygia Pape, Museu de Inhotim – Minas Gerais].



Poema-imagem fotográfico de William Gomes. Disponível em: <https://www.inhotim.org.br/item-do-acervo/galeria-lygia-pape/>. Acesso em. 2023.

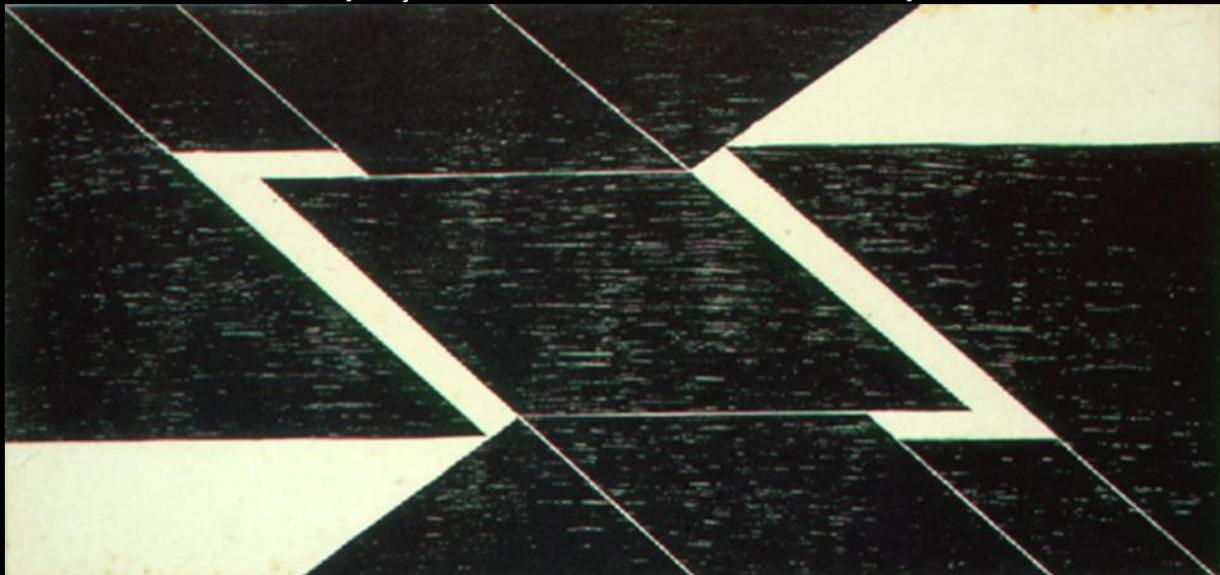
O exercício da crítica da obra de arte *Ttéia 1 C* de Lygia Pape coloca em *espaço-tempo-de-cena* um “espírito rebelde” que “possibilitou penetrar a fundo as ideias de abstração europeia

sem qualquer cerimônia exageradamente respeitosa ou sentimento de inferioridade”. Há na obra de arte Ttéia 1 C de Lygia Pape, um “visar o universal, até o cósmico”; um visar que reside, a um só tempo, “no local e no particular” (BRETT, 2000) de uma cultura específica, a cultura brasileira, por exemplo.

A Ttéia 1 C de Lygia Pape é instalação em *espaço-tempo-de-cena* de atravessamentos de escuridões que se iluminam. A iluminação do *espaço-tempo-de-cena* faz da obra de arte visual uma obra de arte cênica. Aquilo que habita cena em Ttéia 1 C é a *luz-escuridão*; é de dramaturgia de *luz-escuridão* que se trata neste *espaço-tempo-de-cena*.

Em “disposição cortante” a obra de arte Ttéia 1 C de Lygia Pape irradia “reflexos da luz ambiente”. Existe neste *espaço-tempo-de-cena* “um diagrama espacial muito próximo” das obras de arte Tecelares [1957] e Tecelar [1958] de Lygia Pape; aí, nas obras de arte mencionadas, “os vazios e os cheios que se interpenetram” (COCCHIARALE, 2023).

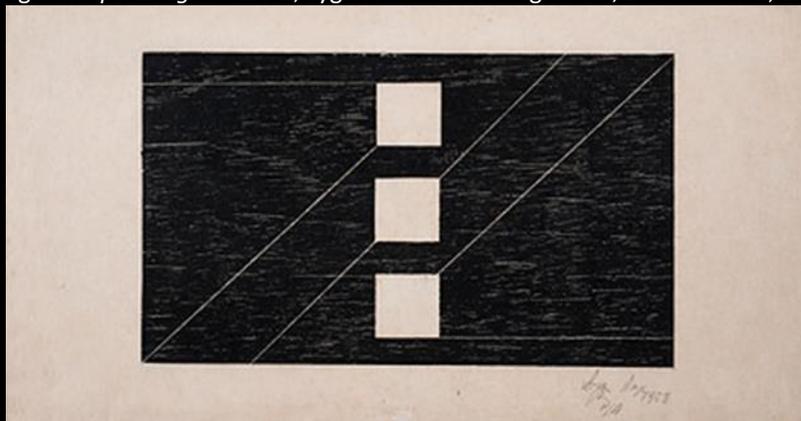
Figura 5-poemagem: PAPE, Lygia. *Tecelares*. Xilogravura, 22,20cm x 47,50cm, 1957 [Coleção Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro].



Poema-imagem fotográfico de Fábio Ghivelder. Disponível em:

<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra32645/tecelares>. Acesso em. 2023.

Figura 6- *poemagem*: PAPE, Lygia. *Tecelares*. Xilogravura, 27cm x 50cm, 1957.



Poema-imagem fotográfico de Lara Venanzi.

Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra66299/tecelar>. Acesso em 2023.

A escuridão é problematização que *rumeira, criando-em-resistência*, origens para tudo que habita mundo. Qual a origem da escuridão? Versando aqui sobre *poema-dramaturgia*, qual é a origem do poema, qual é a origem da dramaturgia?

Origem é *criação-em-resistência*. É *palavra-fundação* de nosso *Corpo-Pensamento Ocidental*.

Um dia o *serumano corpo-pensou*, viu que a luz do dia vira outra coisa que não eterna clareira no palco mundano; o *dia-noite* nasce. O *dia-noite* é *corpo-que-pensa* ser outra coisa, é *corpo-que-aprendeu-a-dicotomizar*. Dia é dia e noite é outro momento do dia. Dia é claro de luz, noite é luz de outra clareza. Dia-a-dia noites e dias. Claro na escuridão é luz de céu, de fogo, de vela, de candeeiro, de lâmpada, de *sol-pra-amanhecer*. Escuro na claridade é luz de céu, de fogo, de vela, de candeeiro, de lâmpada, de *luz-pra-descansar*. Escuro na claridade é luz da mesma forma que silêncio é música. Escuridão e silêncio são cenicamente habitáveis; *espaços-tempos* comuns.

Escuridão, luz de ver de modo diferente.

Luz em e para diferenças todas; cênicas diferenças, ainda que Ocidentais. A Antropologia da escuridão expõe o *serumano* a outros modos de ver. O como da escuridão é a



problematização que aqui, fundante, faz-se *poema-dramaturgia*.

Inquieta com obscuridades a “origem da poesia”; inquieta com obscuridades “a origem de *todas as invenções*”; inquieta com obscuridades a “*arte da invenção*” (HERDER, 2018, p. 50); inquieta com obscuridades, mas não com escuridões. A obscuridade é da ordem da dicotomia razão e desrazão; a escuridão não precisa ser desta ordem. Cenicamente habitável a escuridão é *espaço-tempo* de *corpo-pensamento* que *cria-em-resistência* diferença. Ver de forma diferente a luz é aqui, como *poema-dramaturgia*, *escurar*.

Que poemas foram dedicados à escuridão no Ocidente de linguagem alfabética, de linguagem que cria proposições verdadeiras para dizer o que, e de forma definitiva, as coisas são.

O que é uma escuridão senão a cesura de um poema que se faz *dramaturgia*?

Escuridão é cesura; *criação-em-pausa* de *espaços-tempos-de-cena*.

se de estrelas o céu

coração de céu

you

escuridão

A *dramaturgia* de luz, empalcada, dá a ver a escuridão. Uma luz desenhada para cena é luz que se atravessa sendo também feita de escuridão; é luz que abraça em seu entorno a escuridão que coexiste, sem dicotomizar. É *ocidentalizante* recusar-se a ocidentalizar.

O *poema-música* é *dramaturgia* que *cria-em-resistência* *espaços-tempos-de-cena* em escuridões e para escuridões. O *poema-música* é escuridão cênica.

love love is a verb [amor, amor é um verbo]  
love is a doing word [amor é palavra em seu fazer-se]  
fearless on my breath [menos medo sobre minha respiração]  
teardrop on the fire [gota apartada sobre o fogo]  
fearless on my breath [menos medo sobre minha respiração]  
[...]  
night night of matter [noite, noite de importância]  
black flowers blossom [flores escuras florescem]  
fearless on my breath [menos medo sobre minha respiração]

black flowers blossom [flores escuras florescem]  
fearless on my breath [menos medo sobre minha respiração]

you're stumbling a little [você está hesitando um pouco]  
you're stumbling a little (NAJA; MARSHALL; VOWLES, 1998) [você está hesitando um pouco] (tradução própria)

Teatro é desenho de *luz-que-contorna*, desenho de *luz-que-abraça*, o Teatro é também desenho de *escuridão-que-abraça*, é *escuridão-que-contorna* desenhada pela *natureza-feita-palco-em-movimento*; é *luz-escuridão* que habita o palco mundano dos *serumanos*: *escuridão-iluminação* que é eclipse.

all that you touch [tudo que você toca]  
and all that you see [e tudo que você vê]  
all that you taste [tudo que você prova]  
all you feel [tudo que você sente]  
[...]  
and all that is gone [e tudo que *já-ido*]  
and all that's to come [e tudo que *ainda-não*]  
and everything under the sun is in tune [e tudo sob o sol está adaptado]  
but the sun is eclipsed by the moon (PINK FLOYD) [mas o sol está eclipsado pela lua]  
(tradução própria)

O eclipse é cênico quando o sol [máxima luz] e a lua [mínima luz], em sua intensidade *máxima-mínima*, traz à luz escuridão, traz ao *espaço-tempo* comum a luz que se dá no *Agora* que se *eclipsa*. Daí o Teatro ser de sombras também, *ser-entre-agora*, luz e escuridão que *sombram*.

*Sombrar* aquilo que é luz porque se contorna, e escuridão porque se contorna. Sempre que em cena ação; *luz-feita-de-sombra-escuridão*.

*corpo-pensamento-não-só-de-olho-visão.*

*corpo-pensamento-textura*

*corpo-pensamento-tecido*

*corpo-pensamento-trajeistória*

*corpo-luz-feita-de-sombra-escuridão*

*corpo-mirante*

corpo-que-em-cena-ação  
corpo-de-mira-ação  
corpo-mirante-visão  
corpo-luz-feita-de-sombra-escuridão  
corpo-que-vê-o-que-dá  
corpocênico

Figura 7-poemagem: MUNCH, Edvard. *Moonlight* [1893]. Symbolism, oil on canvas, 140,5 cm x 135 cm.



Localização: National Gallery, Oslo, Norway. Disponível em:

<https://www.nasjonalmuseet.no/en/collection/object/NG.M.01914>. Acesso em 2023.

Escuridões cênicas várias. *Escuridão-intermitência* cênica. O Agora teatral também é luz-



*na-escuridão*, intermitência de pálpebras que se *veem-sendo-vistas*. *Corpo-estrobo*. Teatro, Agora intermitente.

Figura 8- *poemagem*: MASSIVE ATTACK; AZEKEL. *Ritual spirit* [music video from Ritual Spirit EP].



Written e produced by Robert Del Naja e Euan Dickinson. Vocals performed by Azekel. A film by Medium, Robert Del Naja, Dusan Reljin. Starring Kate Moss. 17 mar. 2016.

Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=fhI5T\\_NKYxc](https://www.youtube.com/watch?v=fhI5T_NKYxc). Acesso em 2023.

whose words that I spoke storm?  
I think it's burning  
it's climbing deeper (NAJA; DICKINSON)

A luz que *sobe-cavando-se* ["climbing deeper"] em meio à *escuridão-sombra*; a *escuridão* que *sobe-cavando-se* ["climbing deeper"] em meio à *luz-sombra*; ["climbing deeper"] subir criador de profundidade, como intermitência de *luz-feita-de-sombra-escuridão*.

how come you never go there? [como você nunca foi lá?]  
how come I'm so alone there? [como eu sou [me sinto] tão sozinha lá?]

I went up to a window [eu me aproximei de uma janela]  
lightning banging on the cymbals [som do relâmpago sobre os címbalos]  
I ripped into the night [eu *rumeirei* dentro da noite]  
came storm into your eyes [vim temporal dentro de seus olhos]

my horse had worked the fields too long [minha cavalaria tem trabalhado –  
*rumeirado* - os campos de atuação longo tempo]

my bear had lost its innate calm [meu urso tem perdido sua calma inata]  
it's true enough that we're not at peace [verdade é suficiente que não estamos em paz]  
but peace it's not what it seems [mas paz não é o que parece]

our love is not the light it was [nosso amor não é a luz que era]  
when I walk inside the dark I'm calm [quando eu *rumeiro* dentro do escuro eu sou calma]  
where we look for where we went [onde nós procuramos onde nós fomos]  
it's only echoes in the melody [é somente ecos na melodia]

how come you never go there? [como você nunca foi lá?]  
how come I'm so alone there? [como eu sou [me sinto] tão sozinha lá?]

we waste time on blame and weak revenge [nós gastamos tempo com culpa e revanche frágil]  
waste energy and projections [gastamos energia e projeções]  
we're living proof, we gotta let go [nós estávamos vivendo seguros – demonstração -, nós precisávamos deixar ir]  
and stop looking through the halo [e parar de olhar através do halo]

we carry on as if our time is through [nós seguimos em frente como se nosso tempo estivesse através]  
you carry on as if I don't love you [nós seguimos em frente como se eu não amasse você]  
and so we find the way is out [e então nós consideramos ser escapatória]  
to cut the heart out of the doubt now [cortar agora o coração feito de dúvida]

the room's full but the hearts are empty [a sala está cheia, mas os corações estão vazios]  
like the letters never sent to me [como as cartas nunca encaminhadas para mim]  
words are like a lasso [palavras são como um laço]  
you're an instrumental tune [você é uma melodia instrumental]

how come you never go there? [como você nunca foi lá?]  
how come I'm so alone there? (FEIST) [como eu sou [me sinto] tão sozinha lá?]

Escuridão de floresta para criar *poemas-dramaturgias* de luz vista de modo diferente. Ver escuridão é colocar em cena *poemas-dramaturgias*, a cada passo dado, *poemas-dramaturgias* na luz e para a luz daquilo que escurece. Escuridão ou não, o *corpo-que-vê*, mesmo sem *visão-de-olhos*, é *corpo-iluminação*, é *corpo-solar-feito-de-terra*. Escuridão é *corpo-sol* no *corpo-terra* e para o *corpo-terra*, sempre. Escuridão é em lume ação; é diferença que não admite *visão-de-comparação*; é iluminação que se vê na diferença e para a diferença à que se dá. A escuridão é ancestral iluminação cênica *futurando*.



A escuridão é “invocação do tempo ancestral” (KRENAK, 2022, p. 6)

quem canta floresta  
dá-se à experiência da escuridão que é visão de outro modo  
sobre franjas entre árvores  
chamamento floresta que é escuridão cênica de dar a ve

Figura 9- *poemagem*: FEIST. *How come you never go there* [music video from album Metals].



Written by Leslie Feist. Produced by Leslie Feist, Chilly Gonzalez, Mocky, Valgeir Sigurdsson. Vocals performed by Feist, 30 sep. 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=I2uVRMBD5RY>. Acesso em. 2023.



Figura 10- poemagem: FEIST. *How come you never go there* [music video from album Metals]



Written by Leslie Feist. Produced by Leslie Feist, Chilly Gonzalez, Mocky, Valgeir Sigurdsson. Vocals performed by Feist, 30 sep. 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=I2uVRMBD5RY>. Acesso em. 2023.

Figura 11- poemagem: FEIST. *How come you never go there* [music video from album Metals].



Written by Leslie Feist. Produced by Leslie Feist, Chilly Gonzalez, Mocky, Valgeir Sigurdsson. Vocals performed by Feist, 30 sep. 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=I2uVRMBD5RY>. Acesso em 2023.

quem canta *idades-ruralidades* cercadas

dá-se à experiência da escuridão que é visão de outro modo

sobre pisos entre edifícios  
chamamento cidade que é escuridão cênica de dar a ver

quem canta *idades-ruralidades*  
dá-se à experiência da escuridão de lâmpada desligada  
escuridão que é visão de outro modo

sobre chão batido, sobre pisos acimentados  
torrados ao sol de Agoras  
chamamento floresta que é escuridão de dar a ver

Figura 12- *poemagem*: MEIRELES, Cildo. *Babel*.



Instalação, rádios e televisões, 2001 [Museu Vale do Rio Doce, Vitória - Espírito Santos]. Disponível em:  
<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra22005/babel>. Acesso em xxxxxx 2023.

Figura 13- *poemagem*: MEIRELES, Cildo. *Babel*.



Instalação, rádios e televisões, 2001 [Tate Museum, United Kingdom]. Disponível em: <https://www.tate.org.uk/art/artworks/meireles-babel-t14041>. Acesso em xxx 2023.

Como arte visual a escuridão se expõe; a escuridão fala, cenicamente, no palco do museu, no limite da torre dita no Ocidente ser de Babel; *museu-espaco-de-cena* onde não mais a eletrificadas e nem mesmo a sonoridade do *serumanar-artifícios* edificam razões e clareiras de conhecimento.

Babéis todas, feitas de eletrificadas e sonoridades. Babéis que deixarão de ser

eletricidades e sonoridades de lâmpadas acesas, de iluminação elétrica em *urdimentos-feitos-de-cidades-e-ruralidades*, mas Babéis que nunca deixarão de ser *corpo-imagem*, *corpo-pensamento* até mesmo se escuridão babélica.

O *corpo-imagem* da escuridão é um *poema-dramaturgia* em *letra-imagem-sonoridade*. O *corpo-imagem* da escuridão é o *poema-dramaturgia* de Babel desligada em suas comunicações todas; é enfim, a possibilidade de materialização de uma imagem única, da torre de Babel, ocidentalmente desligada, muda sem palavra escrita para ser falada da forma que der, de forma a guiar os passos em uma *escuridão-feita-de-museu*; muda sem palavra escrita se faz ser como *rumo-de-imagem criada-em-resistência* do *corpo-pensamento* na e para a escuridão.

*Traço-imagem-silêncio* - escuridão – sem velas, sem candeeiros, sem lâmpadas, sem outdoors iluminados, sem palcos de teatro com *iluminação-em-urdimentos*, sem *cidades-ruralidades* com suas dramaturgias de luz, sem poder ligar a Razão em postes e tomadas elétricas, a escuridão governa a noite e o dia. A escuridão é a imagem apagada de Babel; pode ser também seu desaparecimento.

O Teatro dá a ver a escuridão. O Teatro dá a luz à escuridão. O Teatro não necessita de babelismos acesos ou apagados para existir; o Teatro exige, como *poema-dramaturgia*, *espaços-tempos* comuns na *luz-escuridão* e para a *luz-escuridão* que habitamos. O Teatro faz-se, assim, desenho cênico de *luz-escuridão* em coexistências e para coexistências que *veem-se-endo-vistas*. Coexistências com *corpo-olho* ou não, coexistências em *corpos-de-visão* e para *corpos-de-visão*, até mesmo na escuridão.



## Referências

BJÖRK. *Human behavior* [music video from album *Debut*]. Written by Björk e Nellee Hooper. Directed by Michel Gondry, 1993. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=p0mRIhK9seg>. Acesso em 5 ago 2023.

BJÖRK; HOOPER, Nellee. *Human behavior* [poem-music from album *Debut*]. Mother Records, 5 jul. 1993.

BRETT, Guy in PAPE, Lygia. *Gávea de tocaia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2000.

COCCHIARALE, Fernando. *Entre o olho e o espírito*. Disponível em: <https://lygiapape.com/artista/>. Acesso em 7 ago. 2023.

FEIST. *How come you never go there* [lyrics from *Metals* album]. Written by Leslie Feist. Produced by Leslie Feist, Chilly Gonzalez, Mocky, Valgeir Sigurdsson. Vocals performed by Feist, 30 sep. 2011. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/feist/how-come-you-never-go-there.html> <https://www.azlyrics.com/lyrics/feist/howcomeyounevergothere.html>. Acesso em 7 ago. 2023.

FEIST. *How come you never go there* [music video from album *Metals*]. Written by Leslie Feist. Produced by Leslie Feist, Chilly Gonzalez, Mocky, Valgeir Sigurdsson. Vocals performed by Feist, 30 sep. 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=I2uVRMBD5RY>. Acesso em 7 ago. 2023.

HERDER, Johann Gottfried [1744-1803]. *Tentativa de uma história da poesia lírica*. Trad. Caio Heleno da Costa Pereira. Desterro [Florianópolis]: Cultura e Barbárie, 2018.

KRENAK, Ailton. *Futuro ancestral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.



MASSIVE ATTACK; AZEKEL. *Ritual spirit* [music video from *Ritual Spirit EP*]. Written e produced by Robert Del Naja e Euan Dickinson. Vocals performed by Azekel. A film by Medium, Robert Del Naja, Dusan Reljin. Starring Kate Moss. 17 mar. 2016.

MEIRELES, Cildo. *Babel. Instalação, rádios e televisões, 2001* [Museu Vale do Rio Doce, Vitória - Espírito Santos]. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra22005/babel>. Acesso em 7 ago. 2023.

MEIRELES, Cildo. *Babel. Instalação, rádios e televisões, 2001* [Tate Museum, United Kingdom]. Disponível em: <https://www.tate.org.uk/art/artworks/meireles-babel-t14041>. Acesso em 7 ago. 2023.

MUNCH, Edvard. *Moonlight* [1893]. **Symbolism, oil on canvas**, 140,5 cm x 135 cm. Localização: National Gallery, Oslo, Norway. Disponível em: <https://www.nasjonalmuseet.no/en/collection/object/NG.M.01914>. Acesso em 5 ago 2023.

NAJA, Robert Del; DICKINSON, Euan. *Ritual spirit* [lyrics from *Ritual Spirit EP by Trip Hop band Massive Attack*]. Produced by Robert Del Naja e Euan Dickinson. Vocals performed by Azekel. Massive Attack, 2 feb. 2016. Disponível em: <https://massiveattack.ie/discography/ritual-spirit/>. Acesso em 5 ago. 2023.

NAJA, Robert Del; MARSHALL, Grant; VOWLES, Andrew. *Teardrop* [lyrics from *Mezzanine album by Trip Hop band Massive Attack*]. Produced by Robert Del Naja, Grant Marshall, Andrew Vowles e Neil Davidge. Vocals performed by Elizabeth Frazer. Virgin Records, 20 apr 1998. [tradução própria]

PAPE, Lygia. *Tecelares*. Xilogravura, 27cm x 50cm, 1957. **Poema-imagem fotográfico de Iara Venanzi**. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra66299/tecelar>. Acesso em 8 ago. 2023.



PAPE, Lygia. *Tecelares*. Xilogravura, 22,20cm x 47,50cm, 1957 [Coleção Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro]. *Poema-imagem* fotográfico de Fábio Ghivelder. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra32645/tecelares>. Acesso em 8 ago. 2023.

PAPE, Lygia. *Ttéia 1 C. Instalação, fio metalizado, 2002* [Galeria Lygia Pape, Museu de Inhotim – Minas Gerais]. *Poema-imagem* fotográfico de William Gomes. Disponível em: <https://www.inhotim.org.br/item-do-acervo/galeria-lygia-pape/>. Acesso em 7 ago. 2023.

PINK FLOYD. *Eclipse* [song from album *The dark side of the moon*]. Written by Roger Waters. Vocals performed by David Gilmour, Roger Waters, Richard Wright. Produced by Pink Floyd. Recorded at Abbey Roads Studio, London, may 1972- jan. 1973. Capital Records, 1 mar. 1973. [tradução própria]

PORTISHEAD. *Over* [music video from album *Portishead*]. Written by Adrian Utley, Geoff Barrows e Beth Gibbons. Go! Beat Records, 1997. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZNWm1sN-Tms>. Acesso em 5 ago 2023.

Recebido em: 30/09/2024  
Aprovado em: 05/12/2024